

# Diáspora Africana: Memória, Arte, Resistência e o seu lugar na Geografia

*Eduarda Moreno da Silva*

✉ [eduardamoreno99@gmail.com](mailto:eduardamoreno99@gmail.com)

## Resumo

O presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão a respeito de uma tipologia geo-histórica do deslocamento forçado do tráfico de africanos escravizados entre a África e Brasil durante os séculos XVIII e XIX, a diáspora africana. Através de uma organização de fontes diversas metodológicas, como leituras de artigos, livros, teses, idas a exposições artísticas visuais, trocas de saberes e entre outras, busca-se compreender, no cenário atual, a produção cultural da memória e experiência desta diáspora e o lugar que a mesma ocupa no campo da geografia humana. A redefinição de uma identidade territorial no exílio através da cultura. Serão valorizadas as experiências, narrativas, sapiências e sua transposição como conteúdo para se compreender a reconstrução da afro-diáspora forçada na sociedade atual brasileira

\* \* \*

**PALAVRAS-CHAVE:** diáspora, memória; geografia; exílio; identidade.

## Introdução

“Com licença do Curiandamba,  
Com licença do Curiacuca,  
Com licença do Sinhô Moço,  
Com licença do Dono de Terra”  
(Clementina de Jesus)

O presente trabalho desenvolve uma reflexão geo-histórica sobre a experiência do deslocamento forçado da população negra provida da África para o Brasil colonial: a diáspora africana. Estima-se que, aproximadamente 4 milhões de pessoas se deslocaram pelo espaço geográfico do atlântico sul.

Este significativo contingente populacional se distribuiu por várias regiões do Brasil, mas concentrou-se principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Isto se deve a importância geográfica do Rio de Janeiro por ter sido um dos principais portos de desembarque de navios negreiros e também um dos principais pontos de distribuição da população negra escravizada para o interior do Brasil.

No campo da história, diferentes autores têm se dedicado a uma análise sobre esse deslocamento (Manolo Florentino, Paul Gilroy), entretanto, se há uma atenção da historiografia brasileira para esse deslocamento, o mesmo não se observa no campo da geografia. Apesar de algumas alusões serem feitas à presença da população negra provinda da África no Brasil, como em Delgado de Carvalho (1929; 1963) e as “Negras Baianas” ilustradas em tipos e aspectos do Brasil (IBGE, 1975) é possível perceber uma lacuna e ausência de estudos descritivos e analíticos sobre esta migração forçada para o Brasil no campo da geografia. Chamamos esta atenção, pois a migração é um tema clássico na geografia humana e, especificamente desde os anos 1950, conteúdo obrigatório na disciplina da Geografia da População. Mas nossos estudos têm apontado para uma invisibilidade dessa migração forçada, enquanto conteúdo didático no ensino da Geografia<sup>1</sup>.

Assim, o presente artigo busca inserir uma reflexão sobre o conceito de migração forçada e diáspora negra no campo da geografia e cultura. Isto implica um duplo exercício: tanto no campo teórico quanto na valorização das narrativas no campo da cultura, visto que entendemos que a diáspora é uma experiência e memória coletiva do exílio e está inserida em múltiplos aspectos culturais dos grupos diaspóricos.

1 Realizamos um levantamento dos conteúdos apresentados nos principais livros de Geografia da População adotados nos cursos de graduação em Geografia no Brasil, e não foi encontrado nenhuma menção a essa migração forçada e tampouco à Diáspora Negra.

O artigo tem por foco desenvolver uma reflexão sobre a experiência e o conceito de diáspora negra na geografia humana, apresentando o movimento da diáspora, a travessia do Atlântico negro e a chegada ao Rio de Janeiro; ainda, compreender como a arte atua como mecanismo de resistência diaspórica.

### **Metodologia**

A metodologia da pesquisa é realizada à luz de dois percursos que estão sendo construídos, sendo eles: situar um campo diverso da produção cultural a partir da literatura, análise de poesias e música. Todos esses artefatos artísticos são de suma importância para a construção e uma melhor reflexão sobre o tema.

O segundo percurso é entender o que é a diáspora africana e quais são seus impactos culturais. A partir do entendimento de Paul Gilroy, “sob a ideia chave de diáspora, nós poderemos então ver não a “raça”<sup>2</sup> e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. (GILROY, 2017, p. 25).

É possível compreender que diáspora é o deslocamento forçado de um grupo do seu lugar de origem, mediante a força e brutalidade. Ressalto que a diáspora em questão é a da população negra da costa africana que foi trazida em condição de escrava para o Brasil. Gilroy destaca que:

Os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam (GILROY, 2017, p. 60).

Ou seja, ao atravessarem o Atlântico negro a diáspora representa uma movimentação e fluidez da cultura após uma brutal ruptura com seu território de origem. Os indivíduos em diáspora carregam uma cultura *sui generis*, ou seja, peculiar. A própria configuração do Atlântico age como um sistema de trocas culturais, e a criação de uma nova identidade, pois o afastamento da terra natal e a não identificação com o lugar de destino, impeliu que os grupos em deslocamento criasse mecanismos de resistência, como esforço em não perder a essência de suas raízes em movimento.

A partir do entendimento do conceito de diáspora outros dois conceitos fazem parte deste processo e estão mutuamente atrelados: Memória e Identidade. Segundo Joel Candau (2014, p. 10),

- 2 Ressalto que como a pesquisa ainda está em fases iniciais, o conceito de diáspora proposto por Paul Gilroy nos cabe, porém com algumas críticas, afinal, este trabalho se atém a questão racial da diáspora e o autor nos diz que diáspora não é somente a raça.

A memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um “estar aqui” que vale pelo que é do que pelo que fazemos dele.

É possível entender que é através da memória que percorremos o nosso passado, os objetos e as lembranças que o compõe, e ainda, sem o uso da memória seria impossível a criação de uma identidade e a projeção futura; tanto a identidade quanto a projeção para o futuro, pedem um autoconhecimento, seja na memória individual das próprias ações como pela memória coletiva enraizada em tradições culturais.

A memória é, de fato, uma força de identidade [...]. A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra, para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento (CANDAUI, 2014, p. 17).

Ao falar sobre o deslocamento da população vinda da Costa Africana para o Brasil em diáspora, há, inicialmente, sujeitos carregados de memórias que mutuamente formaram as respectivas identidades que foram atravessadas pela violência e crueldade humana. Inseparavelmente de todo o processo de escravidão, o esquecimento e apagamento das memórias dos indivíduos fazem parte de toda uma lógica de comercialização de almas no tráfico negreiro muito bem apontada por Manolo Florentino “Em costas negras”.

Portanto, juntamente ao percurso de entender a diáspora, um conceito fluido, em movimento, carregado de manifestações culturais em todo seu conjunto, a diáspora é as experiências temporais que atravessaram o tempo – e o atlântico negro, que no presente trabalho é configurado como uma categoria – como um recurso de sentido ao deslocamento, a memória e a identidade são conceitos de suma importância para uma melhor apreensão da temática e também para entender as particularidades de um indivíduo diaspórico. Pois como nos afirma Candau (2014, p. 60): “A perda da memória, é, portanto, uma perda de identidade.”

### Um tráfico, antes de tudo, humano

Manolo Florentino, em sua obra “Em costas negras” nos atenta ao tráfico transatlântico de escravos entre África e Brasil, no período de 1500 a 1900. Homens, mulheres e crianças foram sequestrados de seu território de origem e colocados em cárcere nos grandes navios negreiros em condições desumanas para

serem explorados e escravizados. Aproximadamente, cerca de 4,5 milhões de pessoas se deslocaram pelo espaço geográfico do Atlântico Sul. Um oceano que, durante anos foi utilizado para tráfico e comercialização de almas.

A escravidão transatlântica, cujos pilares são o racismo e o mercantilismo (MOORE, 2012), é um fenômeno próprio, incomparável a qualquer outro exemplo de sistema de escravidão, além de ter consequências únicas que atuam e determinam os caminhos de todo um contingente populacional da raça negra, Assim, a travessia do atlântico plantou suas raízes no profundo inconsciente coletivo negro, ao mesmo tempo em que iniciou o processo de holocausto africano, que atravessa e determina a relação desses com o ocidente, desumanizando-os (NJERI, 2019, p. 6).

Assim sendo, por meio da compreensão do estado de Maafa proposto por Marimba Ani (1994) e que a Dra. Aza Njeri (2019) nos elucida e proporciona em linhas gerais sua conceituação para um melhor entendimento acerca da afrodiáspora no Brasil: os fenômenos de sequestro, cárcere, escravidão, colonização, objetificação, guetificação e genocídio que a população negra, independente da territorialidade, sofre diretamente desde 1500, chama-se Maafa (ANI, 1994).

Maafa é, desta maneira, o sequestro e cárcere físico e mental da população negra africana, além do surgimento forçado da afrodiáspora. Este termo foi cunhado por Marimba Ani (1994), e corresponde, Swahili, à grande tragédia, à ocorrência terrível, ao infortúnio de morte, que identifica os 500 anos de sofrimento de pessoas de herança africana através da escravidão, imperialismo, colonialismo, apartheid, estupro, opressão, invasões e exploração (NJERI, 2019, p. 7).

Ainda sob a ótica do tráfico europeu via atlântico, e de que, antes de tudo, humano, a escritora brasileira Beatriz Nascimento que desbravou no campo epistemológico os estudos sobre transnacionalismo, cultura, e diáspora africana, nos aponta para um reconhecimento e criação de identidade nacional e racial dos negros brasileiros. Durante todo o processo de exílio forçado, o corpo negro é a maior memória de toda essa experiência de dor e sofrimento. “O principal documento dessas travessias, forçadas ou não, é o corpo.” (RATTS, 2006, p. 68)

É no corpo o território que foi arrancado de África, é o corpo que foi exprimido nos porões dos navios negreiros, foi o corpo negro que levou as chibatadas dos senhores de engenhos, foi o corpo que carregou nos ombros quilos de ouro e cana de açúcar, foi o corpo negro que foi enterrado sem nenhuma

compaixão e posto à flor da terra jogado nos cemitérios de Pretos Novos<sup>3</sup> sendo totalmente desumanizados.

Cabe ressaltar que todo o processo de escravidão, desde o sequestro em África até a sobrevivência atual no estado de Maafa é um processo totalmente violento e genocida, em que, ainda hoje, os negros em diáspora vivem na contramão do estado violento que busca a todo momento mecanismo de genocidar a população, seja através do nutricídio, violência, homofobia, machismo, racismo e entre outras muitas formas complexas como via de morte.

Porque os símbolos geoculturais que Beatriz Nascimento utiliza são perfeitamente cartografáveis, ou seja, possíveis de inserir numa cartografia cultural que relaciona África e Brasil e permite à pessoa negra posicionar-se dentro das várias rotas e raízes possíveis. [...] O indivíduo negro, com o seu corpo em relações (con) sentidas, percorre em transmigração territórios negros fragmentados pela diáspora. Reconhece-se nesses espaços descontínuos e, por muitas vezes, os correlaciona, se preenche e se eleva num alargamento de horizontes, em face de um sistema cujas forças o reduzem, encapsulam e o puxam para baixo: “Eu fico grande numa serra, eu fico assim, alta (RATTS, 2006, p. 69).

Através da licença poética, a escritora Beatriz Nascimento (1989) se intitula em uma de suas obras como “eu sou Atlântica”, fruto de suas viagens, escritos, horizontes expandidos e por ser uma pesquisadora geocultural, a própria se utiliza da poesia para elucidar sobre a importância de suas rotas.

Quantos caminhos percorro  
A quantos choros recorro  
Ao fim de cada cansaço  
O que é aquela cama  
Que daqui observo?  
Vazia e desfeita como o acontecido?  
Quantas perguntas me faço  
Se certo ou errado, ou pura desatenção?  
Se procedente ou contrário  
Sem chegar à decisão  
De abandonar de uma vez  
Sonho há muito acumulado  
O que é aquela cama no escuro?

3 Cemitério dos Pretos Novos, existente na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1772 e 1830, lugar destinado aos enterros de escravos recém-chegados, que morriam devido aos desgastes da travessia atlântica e do trabalho escravo. Dessa maneira, este lugar tornou-se um marco da história da diáspora involuntária Africana ao Brasil, sendo, portanto, fundamental à memória e a compreensão do país.

Manchada de tantas culpas  
Que caminham como víboras  
E sugam aos poucos meu corpo?  
Quem saltará sobre ela  
Para ir em meu socorro?  
Quantos caminhos vivi  
Em quantas veredas sofri  
A ânsia de ser feliz?  
Como me encontro agora  
Errantes como sempre foram  
As sendas que escolhi.  
(NASCIMENTO, 1989, p. 73)

### A diáspora nas produções culturais contemporâneas

Inicialmente, reconhecemos que em uma das mais recentes produções musicais, Lucas d'Ogum – artista, compositor e cantor de rap - traz em seu álbum *Do Banzo ao Orun* oito faixas musicais, todas elas encantam artisticamente com uma linguagem ancestral e em todas as músicas há um sentimento do Banzo, que na cultura Ioruba é expressado como uma saudade muito forte do lugar de origem, uma nostalgia.

“O banzo aparece na historiografia como uma tristeza que os escravizados apresentavam por terem sido retirados do seu território em África e que levava à morte”. (CAMPOS, 2016, p. 8). É um sentimento ligado expressivamente ao lugar de origem e ao mesmo tempo a um sentimento de não pertencimento ao lugar de destino.

A força do banzo que para os estudos da migração e da diáspora remete diretamente a um sentimento provocado pela experiência do movimento no espaço. “A sensação de não pertencimento sempre me pertenceu” (Lucas D'Ogum).

Em sua música *África*, lançada em 2019, o artista nos remete ao deslocamento forçado da população provinda da África, que no presente trabalho é um sentimento expressado por um brutal arrancamento.

“Me arrancaram dos teus braços  
É forte os laços, é forte os laços, nem  
O tempo pode apagar, será que vou voltar,  
Será que afaga? Dói!  
É banzo, o que eu sinto, mãe  
Mãe África, Oh Mamãe, Oh Mamãe,  
Me arrancaram dos teus braços...”  
(D'OGUM, 2018)

Em todo conjunto de sua obra, mesmo sendo tão jovem, se identifica no artista um clamor pela ancestralidade. O que nos aponta para a existência de um latente sentimento diaspórico presente na contemporaneidade.

O indivíduo em diáspora reconhece que a migração de retorno para o seu lugar de origem é algo que não mais o identifica, devido ao arrancamento dos seus ancestrais de sua terra natal. Neste curso de deslocamento em memória, há uma busca constante por uma identidade cultural nestes espaços de destino, no caso, o Brasil.

Estar em diáspora, portanto, significa questionar a busca por um passado glorioso, por tradições e costumes puros e, sobretudo, por uma identidade estável e pré-estabelecida. Tal reconfiguração do sujeito na sociedade é discutida por Stuart Hall. Na visão do intelectual em questão, as identidades se relacionam às diferentes formas de se posicionar diante do passado. Os sujeitos que buscam recuperar a pureza anterior revelando um sentimento de unidade que teria sido perdido são ligados à ideia de tradição. Por outro lado, a construção de identidades é um processo em constante movimento: as identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo que é histórico, elas passam por constante transformação (SILVA, 2010, p. 106).

É possível perceber o processo em movimento da construção de identidade e manutenção da memória – e banzo – africana nos versos da música Do Banzo ao Orun, do Cantor Lucas D’Ogum (2018):

Na encruzilhada dessa vida eu me encontrei  
Sinto falta da minha terra, coroa de rei  
Sinto falta do mar, da água doce de lá  
Colhendo lírio com a mais bela, bela Iabá  
Na encruzilhada dessa vida eu te encontrei  
Vejo na palma da sua mão, as linhas que tracei  
Cê sente falta de lá, se vier vai ficar  
Amor é o teto, diz Vovó Cambinda[...]  
**Costurei-me de retalhos,**  
**Nesse chão que é averso a meu pé**  
**Num adversa meu axé e na falta de referência**  
**Imaginamos como é. (Grifo meu)**

Em outra perspectiva, o poema “vozes-mulheres” do livro “Poemas de recordação e outros movimentos” de Conceição Evaristo nos traz uma abertura para o lamento de uma memória feminina do deslocamento: dos tumbeiros à fluidez da diáspora, a (re) construção dos papéis intergeracionais.

Vozes-Mulheres  
A voz de minha bisavó



ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2017, p. 10-11)

Bisavó, avó, mãe, neta e filha que cumpre, esta última, o desejo de uma liberdade geracional em movimento. Em ambos, tanto em Lucas D'Ogum, quanto em Conceição Evaristo, a diáspora provoca a concepção genuína que a liberdade é sobretudo espacial, portanto, política.

Se até aqui apontamos que o deslocamento forçado da população provinda da África para o Brasil, ao longo do tempo, se movimenta como uma memória em diáspora presente no campo da cultura brasileira, o mesmo não podemos apontar para a geografia brasileira.

Apesar, como apontamos, no início do conhecimento geográfico possuir um rol de disciplinas no qual a circulação de bens e pessoas é constitutiva de uma área de pesquisa, ausenta-se uma abordagem em relação à diáspora negra. Por outro lado, se nos conteúdos programáticos disciplinares seja permissiva tal lacuna, argumentamos que o deslocamento forçado, diáspora, banzo, ancestralidade, África, memória, identidade cultural são estritamente dependentes e articulados à uma dimensão espacial.

Cabe assim, reconhecer que a geografia também, junto a outras áreas disciplinares e com a cultura, assume e transforma todas essas variáveis acima elencadas em conteúdo espacial e confere legitimidade epistemológica e de método nos estudos da diáspora africana.

Entendemos que no Rio de Janeiro a diáspora está em movimento através da existência de grupos culturais. A diáspora é um conceito que permite um atravessamento do tempo e apresenta narrativas contemporâneas onde existe um uso do sentimento diaspórico e é possível visualizar essa representação do sentimento através de grupos de poesias, saraus, música, movimentos artísticos em geral que nos permite compreender como é a dada essa dinâmica de manutenção e produção cultural plural.

Apontamos a uma manutenção da memória da África e como podemos encontrar a diáspora em movimento no contexto contemporâneo. Há uma passagem em Memória e identidade que nos auxilia a compreender esta relação:

Quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser totalidade de seu passado para dele se (re)apropriar e ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade renovada a cada vez que se narra algo (CANDAUI, 2014, p. 76).

A partir da reflexão acima, e junto às análises feitas, entendemos que por meio da manutenção da memória da África, o indivíduo fruto da diáspora mobiliza ações de resistência existencial e não mobilização para transformação. A partir do momento em que há um autorreconhecimento do indivíduo em que ele percebe e passa (re) conhecer suas origens através de um tecido de uma memória coletiva, há um sentimento de resistência enquanto negro diaspórico de permanecer no seu lugar e não um sentimento de mobilização para realizar transformações, ou até mesmo o sentimento de retorno à África. Afirmo aqui que a memória africana se mantém para o pertencimento do afro-brasileiro em seu território, que neste contexto é o Brasil, e para alimentar a identidade através de ações culturais. Como a arte, poesia, música, capoeira e manifestações religiosas.

## Considerações finais

Ao longo do que foi exposto é possível indicar alguns pontos de reflexão que merecem estar na agenda geográfica, como por exemplo, o reconhecimento da importância de apropriação do pensamento da diáspora negra e sua inserção em seu campo de estudos e discurso. Um tráfico que era calcado sob uma lógica capitalista e mercantil onde visava a super exploração e substituição do produto, ou seja, o próprio escravizado, tinha seu próprio geo-sistema, apoiado, sobretudo, numa variável do cálculo econômico da empresa escravista colonial, e como consequência um próprio fluxo demográfico, ou melhor, taxas de mortalidade altas em detrimento das taxas de natalidade, quebrando assim alguns mitos, como por exemplo o do “Velho e sábio”, isto é, a maior quantidade de escravizados em cativeiro eram de homens jovens hábeis ao trabalho (exploração) e outras variáveis próprias que davam ao sistema escravocrata uma configuração singular.

A experiência do exílio forçado provoca traumas no indivíduo diaspórico que o cercam até os dias atuais, provocando a perda de sua identidade cultural e memória ancestral, portanto, é preciso que formas artísticas e geoculturais de manutenção da herança africana sejam constantemente produzidas.

E ainda, por reconhecermos a dimensão espacial da diáspora, a Geografia tem um papel fundamental, no contexto de sua formação acadêmica, na mobilização de saberes em distintos espaços onde a diáspora é enunciada. O esforço para este momento foi o de conhecer e apresentar a pluralidade de vozes que identificam o sentimento diaspórico e realizar uma primeira aproximação com a geografia.

Precisamos ainda avançar nos estudos e recursos metodológicos, na convergência de saberes que propõem reflexões diversas e culturais na experiência diaspórica.

## Referências

- ANI, Marimba. “Introdução”. In: *A arte do cuidado da criança e do corpo social*. FU KLAU, K. Kia Bunseki; LUKONDO-WAMBA, A.M.Kindezi: Kôngo art of babysitting. Disponível em: <http://terreirodegriots.blogspot.com/2018/08/kindezi-ar>.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, D. M.C. Outras Carolinas: banzo e lamento na autobiografia de Zeli Barbosa. *Revista Comunicação Cultura e Sociedade*. n. 05, ed-dez 2015 – dez 2016, ano 2015- 16.
- CANAU, J. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. – 1 Ed. – São Paulo: Contexto, 2014
- CARLOS, C. A. S. L. *Um olhar crítico à zona portuária do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<https://portomaravilhaparaquem.wordpress.com/2012/05/06/uma-olhar-critico-a-zona-portuaria-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 04 de junho de 2019.
- CARVALHO, Delgado de, 1884-1980. *Geographia do Brasil – Descrições e Viagens*. 4 ed. completa – Rio de Janeiro: F. Alves, 1929. 481.p:il;

- CARVALHO, Delgado de; CASTRO, Therezinha de. *África: geografia social, econômica e política*. Conselho Nacional de Geografia, Divisão Cultural, 1963.
- D'OGUM, Lucas. *Do Banzo ao Orun*. São Paulo: D'Ogum, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OhRCEDK-s-o>. Acesso em 05 de mar. 2020.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FLORENTINO, M. *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- FREIREYSS, G. W. *Viagem ao Interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34, 2017.
- LIMA, T. A.; SENE, G. M. Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista*. v.24, n.1, São Paulo Jan./Apr. 2016
- MACHADO, L. Sítio Cemitério dos Pretos Novos: análise biocultural. Interpretando os ossos e os dentes humanos. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB)*, n° 12, 2006.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. RJ: N-1 Edições, 2018.
- NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 31:mai-out./2019, p. 4-17. DOI:<https://doi.org/10.26542?vi30.28253>
- PEREIRA, J. As duas evidências: as implicações acerca da redescoberta do cemitério dos Pretos Novos. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, N. 8, 2014, p. 331-343.
- PICCOLI, V. et al. (Curadores). *Rosana Paulino: a costura da memória*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo. 2019.
- RATTS, Alex. *Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Imprensa oficial. São Paulo, 2006.
- SILVA, L. M. Diáspora e Identidade Cultural na literatura de Grace Nichols. *Raído*, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 105-112, jan. /jun.2010.
- SILVA, M. S. O Banzo, Um Conceito Existencial: Um Afroperspectivismo Filosófico do Existir – Negro. *Revista de Filosofia*. V.17, n.1junho/2018

## Sobre os autores

*Eduarda Moreno da Silva*: Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

\* \* \*

### ABSTRACT

#### **African Diaspora: Memory, Art, Resistance and It's place in Geography**

The purpose of this article is to propose a reflection on a geo-historical typology of the forced displacement of trafficked African slaves between Africa and Brazil during the 18th and 19th centuries, the African diaspora. Through an organization of diverse methodological sources, such as readings of articles, books, theses, visits to visual artistic exhibitions, exchanges of knowledge and among others, we seek to understand, in the current scenario, the cultural production of the memory and experience of this diaspora and the place it occupies in the field of human geography. The redefinition of a territorial identity in exile through culture. Experiences, narratives, wisdoms and their transposition as content will be valued as a means to understand the reconstruction of the forced Afro-Diaspora in the current Brazilian society.

**KEYWORDS:** Diaspora; memory; geography; exile; identity.

### RESUMEN

#### **Diaspora Africana: Memoria, Arte, Resistencia y su lugar en la Geografía.**

El propósito de este artículo es proponer una reflexión sobre una tipología geohistórica del desplazamiento forzado de esclavos africanos traficados entre África y Brasil durante los siglos XVIII y XIX, la diáspora africana. A través de una organización de diversas fuentes metodológicas, como lecturas de artículos, libros, tesis, visitas a exhibiciones artísticas visuales, intercambios de conocimientos y entre otros, buscamos comprender, en el escenario actual, la producción cultural de la memoria y la experiencia de esta diáspora y El lugar que ocupa en el campo de la geografía humana. La redefinición de una identidad territorial en el exilio a través de la cultura. Las experiencias, narrativas, sabidurías y su transposición como contenido serán valoradas como un medio para comprender la reconstrucción de la afrodiáspora forzada en la sociedad brasileña actual.

**PALABRAS CLAVE:** diáspora; memoria; geografía; exilio; identidad.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>